

LANÇANDO LUZ EM MEIO ÀS TREVAS: uma leitura historiográfica do cristianismo medieval

Launching light in the middle of the Darkness: a historiographic reading of medieval christianity

Eduardo Luiz de Medeiros¹

RESUMO

A Idade Média ainda é conhecida como Idade das Trevas em alguns ambientes eclesiais e acadêmicos, causando confusão e ignorância em professores, alunos e, em última instância, membros de determinadas denominações do protestantismo brasileiro, de maneira especial nos grupos pentecostais e neopentecostais. O presente artigo tem como objetivo primaz, apresentar alguns elementos que demonstrem a riqueza espiritual da igreja cristã medieval latina, bem como clarificar a origem desta expressão e de que maneira ela foi utilizada como agente de propagação dos ideais iluministas do século XVII. Uma breve análise histórico-teológica da instituição eclesial medieval, com ênfase nos séculos XII e XIII, pode gerar uma visão mais contextualizada da Igreja cristã que precedeu Lutero.

Palavras-chave: Cristianismo; Igreja Medieval; Pensamento Cristão; Século XII

ABSTRACT

The Middle Ages is still known as the Dark Ages in some ecclesiastical and academic environments, causing confusion and ignorance among teachers, students and, ultimately, members of certain denominations of Brazilian Protestantism, especially in the Pentecostal and Neo-Pentecostal groups. The purpose of this article is to present some elements that demonstrate the spiritual richness of the medieval Latin Christian church, as well as to clarify the origin

¹ Doutor em História Medieval pela UFPR, Especialista em Teologia Bíblica pela Universidade Mackenzie. Professor do curso de Bacharelado em Teologia nas instituições Uniasselvi, Uninter e São Braz. E-mail: edumedctba@yahoo.com.br.



of this expression and in what way it was used as propagating agent of the illuminist ideals of the XVII century. A brief historical-theological analysis of the medieval ecclesiastical institution, with emphasis on the twelfth and thirteenth centuries, can generate a more contextualized view of the Christian Church that preceded Luther.

Keywords: Christianity; Medieval Church; Christian Thought; 12th century

INTRODUÇÃO

Para muitas denominações cristãs protestantes, a História da Igreja apresenta algumas lacunas importantes dentro das instituições de ensino eclesiástico, cuja ênfase está na discussão e apresentação dos pilares da denominação em que o estudante de Teologia está inserido. Assim, o aluno estudará a Igreja Primitiva, passará rapidamente pelos XV séculos que separam Atos dos Apóstolos de Lutero, para então entender o mundo a partir da ótica protestante. O presente artigo surgiu quando da necessidade em aprofundar um pouco mais a análise a respeito deste período, onde em pleno século XXI aparece, em determinados locais, associado ao termo Idade das Trevas².

Esta pesquisa pretende rastrear a origem da depreciação intelectual do medievo, para então demonstrar que esta generalização é por demais simplista e não leva em consideração diversos elementos que demonstram uma riqueza cultural, intelectual e espiritual na igreja da idade média que precisam ser analisados para uma correta leitura do período.

Como delimitação espacial e temporal, o presente artigo apresentará sua ênfase nos limites da cristandade latina nos séculos XII e XIII, embora a título de contextualização histórica,

² A proposta para a elaboração do presente artigo surgiu quando da apresentação de trabalhos no presente curso de integralização a respeito da história da igreja. A partir da reprodução dos conteúdos pesquisados na internet, os alunos reproduziram esta visão parcial e bastante simplista da igreja cristã. Uma breve pesquisa a respeito mostra como sites cristãos de vertente protestante, em especial, oriundos de denominações pentecostais e neopentecostais, ainda mantêm uma visão depreciativa da Igreja cristã medieval.



será efetuada uma breve abordagem de todo o período, que é didaticamente dividido entre o século VI e XV, encerrando um milênio de História da Igreja.

A proposta justifica-se no sentido de existir, entre diversos núcleos protestantes, uma tendência em enxergar a igreja cristã apenas a partir do século XVI com o advento de Martinho Lutero. Como o Brasil ainda é um país predominantemente católico, existe um pré-conceito com a Igreja cristã anterior à Reforma de 1517. Para alcançar este objetivo é necessário verificar e discorrer a respeito de alguns elementos primordiais para este trabalho. O primeiro objetivo a ser alcançado é identificar a origem do termo “Idade das Trevas” e de que maneira o mesmo foi utilizado ao longo da diacronia. A partir desta informação, será possível analisar se o uso do termo e do contexto foi adequado historicamente. O segundo objetivo a ser alcançado é demonstrar, a partir de uma abordagem panorâmica sobre a igreja medieval, que os dez séculos que a compõe são muito vastos para que exista uma única abordagem sobre este assunto. Existem peculiaridades regionais, e que mudam constantemente ao longo do tempo. Portanto a cristandade medieval deve ser estudada em seus pormenores ao invés do reducionismo generalista que comumente é possível encontrar em sites de pesquisa disponíveis. O terceiro objetivo é apresentar algumas inovações e pensamentos de intelectuais cristãos, para exemplificar a necessidade que os teólogos têm de não ignorar a abordagem histórica em suas pesquisas acadêmicas. Estas inovações de ordem tecnológica e no pensamento cristão, quando avaliadas em seu próprio contexto, denotam a importância de artigos que levem em conta a interdisciplinaridade entre a Teologia e outras disciplinas que podem em muito, auxiliar a igreja do século XXI em sua jornada na Terra. Por fim, como quarto e último objetivo proposto, verificar-se-á se os argumentos apresentados, contribuem para uma releitura protestante da igreja medieval que entenda os pressupostos históricos de pesquisa na Teologia.



A metodologia de trabalho para a composição final do presente artigo, que é um dos fatores que contribuem para seu ineditismo na Academia Teológica, está na mescla entre materiais teológicos e pesquisas históricas. Da junção entre ambas as metodologias (História e Teologia), espera-se a contribuição para um olhar mais apurado sobre esta questão. Outro elemento importante na metodologia de pesquisa proposta, está na abordagem contextual do medievo mediterrâneo. Esta contextualização auxilia na identificação e correção de anacronismos históricos, para que a história possa ser analisada a partir dos olhos daqueles que as escreveram. Não podemos comparar nenhum período da História a partir da ótica do presente. Cada época deve ser analisada a partir de sua própria mentalidade. O anacronismo é o pior erro historiográfico a ser cometido, pois atribui um juízo de valor a partir da ótica presente a personagens do passado. No campo teológico, esta variável deve ser levada em consideração para o ensino da História Eclesiástica, e isto se dá através do ensino sistemático da análise histórica da igreja, a partir do contexto das sociedades que a geraram.

A partir desta metodologia, utilizou-se cinco obras principais e outras de maneira periférica, com o intuito de verificar se a hipótese de trabalho, relacionada a desmistificação do período medieval da Igreja Cristã Medieval como depreciativo através da ausência de elementos culturalmente relevantes para a construção da sociedade europeia, pode ser sustentado ou refutado.

O presente artigo não pretende realizar uma apologia da Igreja Medieval, apenas verificar alguns elementos que auxiliem na discussão a respeito deste período, através de uma perspectiva histórica aplicada à Teologia. Para finalizar esta breve introdução, é importante apontar para a existência de um sistema de oposição subjetiva da História que se aplica à problemática apresentada. Esta oposição não é neutra, mas exprime valores referenciados, como a oposição entre antigo/moderno, progresso/retrocesso, etc. Esta visão da história foi aplicada a cristandade Medieval que foi vista como um retrocesso cultural e intelectual diante da



Antiguidade Clássica grega e romana. Este período de “obscuridade” seria sucedido pelo otimismo oriundo do Iluminismo do século XVIII. Segundo o historiador francês Jacques Le Goff:

Da Antiguidade ao século XVIII desenvolveu-se, ao redor do conceito de decadência, uma visão pessimista da história, que voltou a apresentar-se em algumas ideologias da história no século XX. Já com o Iluminismo afirmou-se uma visão otimista da história a partir da ideia de progresso, que agora conhece, na segunda metade do século XX, uma crise. (LE GOFF, 1990, p. 8)

O presente tema é por demais complexo para que possa ser esgotado em um artigo, portanto, como objetivo secundário, ele servirá como base para um material complementar a ser desenvolvido após a averiguação dos resultados obtidos nesta análise preliminar. Que as ferramentas oriundas da disciplina História possam auxiliar na interdisciplinaridade com a Teologia, tão necessária na discussão acadêmica contemporânea.

1 IDADE MÉDIA, IDADE DAS TREVAS?

1.1 A escrita da História

Para verificar a origem deste termo e suas implicações historiográficas e teológicas, é importante iniciarmos esta discussão apresentando as diferentes “histórias” existentes. Segundo Jacques Le Goff:

Em primeiro lugar, porque há pelo menos duas histórias e voltarei a este ponto: a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivo desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo



menos deveria sê-lo) e os *mass media*, corrija esta história tradicional falseada. (LE GOFF, 1990, p. 28)

Neste sentido, a história é uma construção da sociedade do presente a respeito do ocorrido no passado. Cada sociedade efetua sua leitura da História a partir dos acontecimentos e pressupostos contemporâneos. Neste sentido, é possível entender a História como uma construção muitas vezes, subjetiva. Assim a função do historiador é procurar, através de uma metodologia adequada, avaliar seu objeto de estudo a partir de diversos elementos que auxiliem na compreensão de sua análise. Embora o objetivo seja a imparcialidade, é importante perceber que nenhum historiador é isento de pressupostos internos que venham a influenciar esta análise. É necessário reconhecer estas influências e minimizá-las durante o estudo, pois o historiador não é neutro ou isolado do período em que vive. Assim, é por demais relevante perceber que a História que se escreve sobre o passado, está diretamente relacionada à História que é vivida no presente.

1.2 A Origem do Termo

A historiografia tradicional atribui ao italiano Petrarca, que viveu no século XIV, a primeira citação ao conceito “Idade das Trevas” como uma referência direta ao período de um milênio entre o século V e XIV no contexto da latinidade³. Este termo em sua origem faz alusão a suposta decadência moral e intelectual que sucederam a dominação romana sobre a cristandade nos quatro primeiros séculos da Era cristã.

O primeiro problema que esta abordagem encontra, é a dimensão temporal elástica. Outros seguiram o mesmo caminho

³ *Eu estou fadado a viver entre tempestades de confusão. Mas, como é meu desejo, talvez você (leitor) viva muito tempo depois de mim, em tempos melhores. Esse esquecimento e essa sonolência não durarão para sempre. Quando a escuridão se dispersar, nossos descendentes poderão retornar à pureza do antigo esplendor (brilho).* Tradução de Abner Antunes do poema de Petrarca, África. Disponível em <https://ahistoriadoseculo.org/2015/10/02/como-surgiu-o-termo-idade-das-trevas/> Acesso em 16 de agosto de 2017. O texto original em latim foi traduzido para o inglês por Bergin, Thomas G. and Wilson, Alice S., *Petrarch's Africa English translation*. New Haven. Yale University Press 1977.



de Petrarca apresentando especificidades em sua análise. O cardeal Cesar Baronius que viveu entre o século XV e XVI por exemplo, chamou o século X de “um século de trevas, de chumbo e de ferro” (GONZALES, 2004, p. 137). Entre Petrarca e Baronius, distantes mais de um século um do outro, existe uma importante inflexão para a presente análise: enquanto para Petrarca, todo o período delimitado entre a queda do império romano até seu presente seria descrito a partir de uma ótica pessimista, para Baronius, apenas o século X apresentaria a mesma atribuição. Para estes pensadores, o otimismo estava associado à ordem e a estrutura do Império Romano, enquanto as trevas estavam relacionadas às invasões bárbaras do século IV para Petrarca, e com a queda do Império Carolíngio no século IX para Baronius. Esta breve avaliação de dois pensadores da Igreja mostra que a ordem e a prosperidade da instituição eclesiástica estão diretamente associadas à estabilidade política nos ambientes em que a igreja possui influência. Neste sentido a igreja não pode ser entendida distante do contexto político e social que a envolve. A instabilidade política gera instabilidade na igreja. Isto pode ser percebido pelas disputas políticas que refletiram pelos partidos que disputaram o poder no papado pelo controle de uma igreja combatida a partir do século IX. Segundo Gonzales,

Após a morte de Carlos o Calvo, o poder dos Carolíngios declinou rapidamente. A guerra mutualmente destrutiva entre várias facções do antigo Império Carolíngio – associada com as invasões Normandas, Sarracenas e Húngaras – criaram um constante estado de turbulência. Como antes, os monastérios tentaram preservar algo da cultura e do conhecimento do passado. Mas a maioria deles não estava incluída dentro dos muros das cidades e, portanto, era facilmente saqueada pelos invasores, resultando na destruição de bibliotecas valiosas. (GONZALES, 2004, p. 137)

Estas turbulências políticas chegaram até a igreja com disputas internas e partidos que trabalhavam para eleger o papa



que melhor pudesse ser manipulado pelos poderes temporais. Durante o século IX e X, o assassinato de um papa não era raro e algumas práticas incomuns como o chamado “Concílio Cadavérico”⁴ e a proliferação de heresias⁵.

Os pensadores do Iluminismo, período caracterizado pela razão e dissociação entre a teologia cristã e as demais ciências, mantiveram o termo “Idade das Trevas” para o Medievo, de maneira diversa daquela que os seus antecessores haviam feito. Para eles o passado precisava ser denegrido, pois este presente era o ápice do desenvolvimento do pensamento humano, agora livre de todas as limitações que a religião demonstrou durante a Idade Média. Theodore E. Mommsen, pesquisou este verbete nas enciclopédias do século XIX e suas descobertas foram bastante interessantes. Ele analisou 3 enciclopédias, sendo que na primeira coletânea, de 1883, o verbete Idade das Trevas (Dark Ages no original) foi definido pelo período que abrangia a queda do Império Romano até a Renascença Italiana (século V ao XV). A segunda enciclopédia, de 1889, encerra a “Idade das Trevas” no século XII e a terceira, de 1904, no século XI (MOMMSEN, 1942, p. 226). Esta gradativa diminuição deste período de “atrasos, retrocessos, escuridão” demonstra que existem diferenças importantes nos diferentes períodos da Igreja Medieval que precisam ser avaliados de maneira mais pormenorizada. A análise de um simples conceito, e de que maneira ele é entendido através da diacronia é uma ferramenta importante para a verificação de que a história é fruto do presente que a estuda.

⁴ Neste Concílio no ano de 897, o cadáver do Papa Formosus foi trazido perante a assembleia e lá julgado e condenado. Eles então declararam seu pontificado nulo, e todas as ordens conferidas por ele foram invalidadas. Finalmente, suas vestes sacerdotais foram removidas e seus dedos amputados. Tudo isso porque ele pertenceu a um partido político diferente de seu sucessor, Stephen VI.

⁵ Já no século XI, a Igreja começou a tomar medidas mais enérgicas, em especial com relação aos cátaros que nessa época começavam a difundir intensamente as suas doutrinas. Mesmo assim, hesitava em adotar providências mais extremas, pois dificilmente elas poderiam harmonizar-se com a caridade tão apregoada pelo cristianismo. O impulso para a radicalização da atitude social contra os heréticos partiu de baixo para cima, ou seja, do fanatismo popular que tomava corpo à medida que se cristianizava a sociedade bárbaro-europeia. FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 15.



2. A REFORMA DA IDADE MÉDIA

2.1 Séculos XII e XIII: período de mudanças:

Após a breve análise do termo Dark Ages e suas implicações historiográficas, é possível perceber que os pensadores da Igreja Cristã Medieval entendiam como “escuridão” os períodos de caos político em que a sociedade mediterrânea imergiu em alguns momentos cruciais de seu desenvolvimento. O primeiro deles está associado ao fim do império romano e toda a reestruturação oriunda das invasões ditas “bárbaras” que ocorreram ao longo do século V ao VII. Um florescer intelectual acompanhou a estruturação do império carolíngio durante os séculos VIII e IX seguidos por um novo turbilhão político após o a ruína desta dinastia nos seguintes séculos X e XI. Os limites do presente trabalho não permitem uma análise mais profunda das peculiaridades regionais que são muitas nesta cristandade latina que a partir do século XVI seria conhecida como Europa. Como exemplo que auxilie na justificação da problemática proposta, verificar-se-á a Igreja Cristã nos séculos XII e XIII, conhecido pelos historiadores como Renascença Medieval (GONZALES, 2004, p. 151), ou como a Reforma da Idade Média (BOLTON, 1983). Os séculos que precederam Lutero e a Reforma Protestante gestaram o pensamento crítico e possibilitaram o desenvolvimento racional associado à espiritualidade cidadina. Nesta perspectiva, Lutero foi fruto de seu tempo, e dos que o antecederam. Por esta razão é tão importante conhecer alguns elementos a respeito da igreja neste período que mostrem que a Igreja Cristã Medieval foi muito mais que fogueiras, torturas e indulgências, visão rasa e nada acadêmica que ainda hoje resiste em sites, blogs e até mesmo manuais bíblicos, como o Manual Bíblico Vida Nova editado por David Dockery (2001, p. 919) que descreve *uma nova onda de ataques bárbaros, por parte de vikings, mergulhou a Europa naquilo que ficou conhecido como Idade das Trevas.*



2.2 O pensamento cristão

O século XII gerou um despertar do pensamento cristão, resultado de uma série de fatores externos aos quadros eclesiásticos, assim como fatores internos que surgem como uma resposta da Igreja para uma sociedade cada vez mais urbana com a reestruturação do sistema feudal. Segundo Justo Gonzales,

As novas condições sociais e econômicas, resultando no desenvolvimento do comércio e no crescimento das cidades, mudou o centro da atividade teológica dos mosteiros para escolas catedrais urbanas, assim antecipando o que seriam as grandes universidades do século XIII. (GONZALES, 2004, p. 151)

O posto de primeiro expoente do pensamento cristão neste século XII é tradicionalmente atribuído a *Anselmo de Canterbury*, denominado como o pai do escolasticismo. Sua vasta produção intelectual inseriu o embrião de uma nova metodologia de análise teológica. Anselmo propunha uma problemática oriunda geralmente do pensamento herético ou incrédulo para, a partir de uma análise não com base nas escrituras ou nos pais da igreja, refutar estas ideias com base na razão. Diferente de um racionalista extremado, Anselmo utilizava este método de análise para edificar sua fé e conseguir argumentar com as diversas cadeias de pensamentos e argumentos contrários à igreja existente neste ambiente de renovação espiritual. Da mesma forma que existe uma revitalização do pensamento cristão, existem em igual proporção, pensamentos que desviam a ortodoxia católica emergem com força naquilo que medievalistas como Nachman Falbel definiriam como *Séculos Heréticos* (FALBEL, 1999, p. 13).

Sua obra mais conhecida é o Proslógio, e é possível compreender esta metodologia de análise através do extrato da obra: *Graças te dou, bom Senhor, graças te dou, porque o que primeiro acreditei pelo teu dom, o compreendo agora pela tua iluminação, de tal maneira*



que, mesmo se não quisesse acreditar que tu existes, não poderia deixar de o compreender.⁶

Outros pensadores como Pedro Abelardo, que atraiu discípulos e inimigos ao longo de sua caminhada mostra como as novas metodologias de estudo teológico apresentavam uma linha tênue entre a Teologia e a Heresia. Este século de ensaios e desenvolvimento intelectual preparou esta cristandade para o ápice da igreja medieval no século seguinte.

2.3 A arquitetura Gótica

A mudança arquitetônica que surge neste período, das construções românicas para o gótico, apresenta em sua essência diversas mudanças no pensamento teológico deste período. O românico estava voltado para a estrutura monástica, em um período de atividade efetivamente rural e de espiritualidade velada pela estrutura social das três ordens⁷. Com o aquecimento da atividade urbana e a progressiva migração do campo para a cidade, o centro teológico da igreja passa dos mosteiros para as catedrais citadinas. Algumas considerações sobre o gótico são importantes para demonstrar como a teologia medieval estava impregnada não apenas nos escritos, mas também na arquitetura. A análise de uma sociedade revela, em diferentes elementos, aquilo que importa para ela. Para o medieval, a relação com um Deus Soberano e Todo Poderoso transpassa para a experiência sensorial de um fiel no interior de uma catedral gótica. O autor clássico a este respeito é Panofsky em sua obra antológica intitulada *Arquitetura Gótica e Escolástica: sobre a analogia entre arte,*

⁶ Proslogion seu Alloquium de Dei existentia. (Tradução José Rosa, St Anselm's Proslogion, Universidade de Lisboa, 2008, p. 14.)

⁷ Esta estrutura social dividia a sociedade em três grupos formados pelos Bellatores (Os que guerreiam), Oratores (Os que oram) e os Laboratores (Os que trabalham). Esta estrutura atendia ao feudalismo e justificava a construção de conventos de certa maneira afastados da população geral. Esta estrutura começa a mudar com o progressivo aquecimento da atividade urbana que acompanhará a construção de catedrais e a adesão ao estilo gótico para esta tarefa. Nota do autor.



filosofia e teologia na Idade Média publicada pela editora Martins Fontes em 1991.

A arquitetura gótica foi precedida por um estilo bizantino no qual grandes abóbadas sobre pendentes e mosaicos decorativos foram usados em Santa Sofia e São Marcos. A arquitetura posterior foi a românica, entre 1100 e 1150. A catedral gótica ficou conhecida como a *Bíblia de Pedra* (CAIRNS, 2008, p. 216). Para um melhor entendimento a respeito da leitura sobre a catedral gótica como uma imagem do século XIII, é possível realizar uma analogia com os grandes arranha-céus do século XX que representaram o ápice do materialismo capitalista pós guerra fria.

Segundo Earle Cairns,

O significado da catedral gótica é muito mais importante do que suas características físicas. A catedral representava o espírito sobrenaturalista da época, o que se vê claramente por sua posição central na cidade e pela expressão simbólica que faz da verdade bíblica. A solidariedade social do homem medieval foi expressa pelo fato de que as grandes catedrais eram construídas como obras comunitárias que se prolongavam por décadas e com a participação de todas as classes e grupos em sua construção. A catedral teve também um grande valor educacional, porque nas janelas de vidro colorido e nas estátuas o camponês iletrado poderia entrar em contato com Deus no ato do culto. (CAIRNS, 2008, p. 218)

Toda uma engenharia arquitetônica foi desenvolvida para alcançar os objetivos didáticos e espirituais através da construção destes verdadeiros monumentos, onde algumas levaram mais de um século para serem concluídas.

2.4 O nascimento das Universidades



O centro do saber teológico foi por mais de seis séculos restrito ao ambiente monástico. A partir de 1200, este núcleo do conhecimento começou a migrar para a universidade cidadina, que por volta de 1400 apresentava mais de 75 instituições na Europa.

As razões para esta migração e ascensão de estudos universitários está bastante vinculada ao florescimento e crescimento das cidades como centro da sociedade medieval. As disciplinas clássicas foram adaptadas do trívio e quadrívio romano para as necessidades teológicas. Gramática, retórica e lógica compunham o trívio, que auxiliava o clérigo em sua tarefa de ser um comunicador eficaz diante dos fiéis e geometria, aritmética, astronomia e música formavam o quadrívio que auxiliava na administração eclesiástica. Com o restabelecimento do comércio monetário, não apenas os clérigos necessitavam desta formação, mas leigos também. Segundo o historiador francês Le Goff:

O mestre universitário acumulava, assim, um trabalho de reflexão e de escrita, que chamaríamos hoje de pesquisa, e um trabalho de ensino. Para muitos, a sua reputação, suas intervenções em debates sociais e políticos (por exemplo, a mendicância dos religiosos, os poderes reais, a fiscalidade pontifícia) acrescentavam a sua função um papel que, desde o século XIX, foi em geral reconhecido aos intelectuais. Este é o motivo por que chamei esses universitários de “os intelectuais da Idade Média”. (LE GOFF, 2007, p.171)

Outra razão para o surgimento das universidades está relacionada com a presença de um grande mestre em uma escola. Eles atraíam alunos que vinham de longe para os ouvir. Estes grupos formados a partir destes líderes intelectuais auxiliaram muito no surgimento das primeiras universidades. Outras universidades surgiram a partir de rebeliões ou migrações de alunos de uma escola para outra. Isso se deve, em grande medida ao ambiente hostil de muitas guerras que expulsavam alunos durante os períodos de conflito, levando alunos a outras regiões que desfrutassem de paz para continuarem seus estudos.

No tocante às disciplinas e cursos, neste ambiente havia em geral, quatro cursos disponíveis. Segundo Cairns,



As artes constituíam o curso básico para todos. Teologia, direito e medicina eram estudos mais avançados. O estudante do currículo geral de artes estudava o trívio que lhe dava o grau de bacharel. O estudo posterior do quadrívio lhe dava o grau de mestre, indispensável se queria se tornar professor. A continuação dos estudos em outras faculdades poderia lhe conferir um doutorado em teologia, direito ou medicina. (CAIRNS, 2008, p. 216).

As universidades serviram às necessidades da Igreja nos tempos medievais, preparando clérigos para atuarem em suas frentes mais distintas. A junção entre o pensamento escolástico e o estudo universitário estiveram intimamente ligados ao trabalho eclesiástico, gerando um corpo de trabalho constante treinadas em teologia, direito e medicina para integrar a hierarquia da Igreja cristã.

2.5 As Ordens Mendicantes

Os monges acompanham a trajetória da igreja desde os primeiros séculos de sua história, sendo por muito tempo os únicos detentores e protetores do saber clássico e teológico. Muitas ordens floresceram ao longo dos séculos com características de ascetismo e isolamento no interior das abadias e mosteiros espalhados pela cristandade latina. Uma primeira inflexão a este modo de operação das diversas ordens, está no embate intelectual entre a ordem de Cluny fundada por Suger, e a ordem de Cister, fundada por Bernardo de Claraval. As discussões entre os dois expoentes intelectuais de seu tempo a respeito dos limites e funções das ordens no tocante à economia, gastos para adornar os ambientes de culto, etc., apresentam os primeiros sinais de que a mudança do pensamento teológico a partir da atuação da Igreja na sociedade precisava ser respondida, na medida em que a vida nas cidades aumentava e a liderança da igreja perdia a capacidade de comunicação com seu público, por permanecerem isolados no claustro.



Neste sentido, o século XIII vislumbrou um novo estilo de vida ascética, adequado aos ventos da mudança que sopravam continuamente sobre esta cristandade latina. Segundo Gonzales,

Este novo estilo se diferenciou do monasticismo tradicional no fato de que este não se retirou dos grandes centros de população para se dedicar à contemplação mística, mas, ao invés, viu o “apostolado” como sua função básica e, portanto, transformou os modelos antigos da vida monástica e os adaptou para a tarefa de pregar e ensinar. As condições sociais e econômicas da época, com o crescimento de cidades e o desenvolvimento do comércio, requeriam novas formas de ministério. Várias heresias – especialmente a dos Albigenses – tiveram que ser refutadas por meio de uma combinação de habilidade intelectual e santidade de vida. Novos campos estavam sendo abertos por missões além dos limites tradicionais do Cristianismo. As ordens mendicantes foram a resposta do Cristianismo Ocidental a estes desafios. (GONZALES, 2004, p. 219)

A partir destas ordens mendicantes, é possível destacar os dominicanos, franciscanos, carmelitas e mais tarde jesuítas que terão papel importante na colonização da América a partir das grandes navegações. A caráter de exemplo, a ambição de Francisco de Assis era a completa simplicidade de vida, marcada pela pobreza, humildade e contemplação de Cristo. Estas regras e estilo de vida foram de encontro com a vida nas cidades, a ordem franciscana foi muito bem recebida e cresceu rapidamente nos principais centros urbanos dos reinos latinos. Este crescimento afastou os sucessores de Francisco de seus ensinamentos e os franciscanos foram inseridos em diversas camadas da sociedade medieval, inclusive alcançando a hegemonia nas universidades, como mestres e professores destes locais. As ordens mendicantes foram as respostas da Igreja para a mudança no contexto social, econômico e político do século XIII.



O papa Inocêncio III, considerado por muitos como o maior papa da Idade Média, admitiu estas ordens, desde que seus líderes aceitassem submissão total à Roma. Esta foi a diferença entre a admissão dos franciscanos e a excomunhão de Pedro Valdo, transformando seus seguidores, os Valdenses, em uma heresia a ser combatida, mesmo que seus princípios fossem praticamente os mesmos que os de Francisco. Os dominicanos tinham por base o estudo teológico e com isso também foram importantes fornecedores de quadros de professores nas universidades, em especial em Paris e Oxford.

No campo teológico, segundo Gonzales (2004, p. 235), *embora a teologia ocidental tenha sido basicamente Agostiniana por séculos, no século XIII houve uma consciência especial para este fato.* O pai da Igreja Agostinho foi a base teológica para os eruditos do século XIII e formaram-se escolas específicas dos agostinianos e seus adversários, cujos maiores expoentes a ser citados, são Alexandre de Hales e Boaventura.

As contribuições da igreja cristã com inovações tecnológicas em práticas de plantio e colheita, tecnologias para produção de vinho nos mosteiros, desenvolvimento de técnicas rigorosas para cópia dos livros e da própria Bíblia, produção de papel para alimentar as bibliotecas destes mosteiros e depois das próprias universidades, ilustram a riqueza que este período apresentou não apenas para o cristianismo, mas para toda a sociedade na qual estava inserida.

Assim, todo o desenvolvimento teórico apresentado até o momento para justificar e demonstrar a riqueza do cristianismo medieval, mesmo que de maneira bastante abreviada, teve como objetivo apresentar alguns aspectos que comprovam que a generalização deste, e de qualquer período histórico, com fins de facilidade de explicação didática dos fenômenos históricos é um exercício fracassado em sua essência. A análise acadêmica e metodológica demonstra a complexidade de um entendimento adequado de determinado contexto, por esta razão, apresentamos alguns pontos que desmistificam a ideia já superada na academia



de que a Igreja cristã na Idade Média foi limitada pela Inquisição, venda de indulgências e sincretismo religioso com culturas pagãs com as quais manteve contato.

A Igreja cristã medieval é muito mais rica e complexa que o senso comum tenta demonstrar e existem lacunas importantes a serem preenchidas, de maneira especial quando falamos de denominações protestantes, onde as disciplinas relacionadas ao entendimento de 2 milênios de história da igreja cristã muitas vezes são relegadas a algumas aulas em cursos de teologia de nosso tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente artigo, tivemos o propósito de discutir e relativizar a visão pejorativa que a Idade Média ainda hoje apresenta em diversos rincões acadêmicos, sejam eles manuais bíblicos, livros de teologia, sites e blogs na internet. Visões reducionistas de qualquer assunto empobrecem a discussão, pois oferecem aos alunos e pesquisadores, uma visão rasa dos assuntos a serem estudados.

Como protestantes, existe uma tendência, ainda que inconsciente, de reduzirmos o papel da Igreja cristã no espaço entre o fim da Era Apostólica e 1517, data em que comemoramos o advento da Reforma Protestante. No interior dos cursos de teologia, por parte de professores, esta tendência pode estar bem compreendida, mas no âmbito dos alunos ela ainda persiste, seja por falta de uma pesquisa mais apurada sobre o assunto, seja por preconceito do “adversário” a ser combatido: a igreja católica. Muitas vezes nos esquecemos de que até o Cisma Protestante a Igreja cristã era uma só e não é possível apagar XV séculos de história, caso tenhamos a intensão sincera de conhecer melhor nossas origens cristãs. Excessos? Existiram. Erros? Com certeza! Porém nosso objetivo foi demonstrar, através de exemplos diversos como o pensamento cristão, as universidades, as ordens mendicantes e o desenvolvimento da arquitetura gótica que houve



muito mais elementos que devem ser investigados por aquele que deseja estudar a respeito da Igreja cristã.

Neste sentido, o presente artigo atinge seu objetivo principal pois, demonstramos a elasticidade e falta de consenso a partir da análise do termo “Idade das Trevas” oriundo do século XIV para definir um período histórico que muda de acordo com a sociedade e o período que se debruça sobre ele. Assim, desmistificamos a existência de um período de escuridão espiritual sobre a cristandade, quando demonstramos que, para a igreja contemporânea aos fatos, os momentos de tribulação e dificuldades estavam muito mais relacionados à crise no contexto político que gerava instabilidade que atingia diretamente os quadros da igreja, seja devido aos saques e invasões estrangeiras que a queda de uma dinastia ou sistema de governo gerava, do que problemas teológicos ou doutrinários que eram debatidos internamente, sem maiores impactos perante a igreja.

O segundo objetivo alcançado através da demonstração de elementos que trouxessem visibilidade positiva para o desenvolvimento da cristandade latina. Para tanto buscamos elementos intelectuais através do pensamento cristão que desenvolveu o escolasticismo, a tecnologia a serviço da igreja a partir do desenvolvimento das técnicas que possibilitaram a construção das colossais catedrais góticas, que conforme demonstrado, possuem muito mais significado que a simples construção. O desenvolvimento do saber através das universidades que se espalharam a partir do século XIII, é um ponto de inflexão inestimável para o desenvolvimento da cultura cristã medieval que, assim como as ordens mendicantes, foram de encontro com as necessidades das populações carentes das cidades em crescimento. Cairns concorda com esta visão pois,

Não se podem negar as contribuições reais e positivas da Igreja Romana entre 590 e 1305, a despeito de tantas evidências do fracasso nas práticas pessoais e institucionais. Foi ela que legou a cultura greco-romana e a religião cristã aos germanos bárbaros que tomaram o Império



Romano. Foi ela que forneceu a única cultura e erudição autênticas que se mantiveram vivas através de obras de eruditos como Beda, Alcuíno Einhard e outros. O nível moral da sociedade melhorado com a diminuição dos males da escravidão, com a elevação da posição da mulher e com a suavização das guerras feudais. A Igreja Romana possibilitou que obras de caridade e socorro se fizessem na Idade Média. Foi ela que deu unidade intelectual à vida através do sistema teológico que os escolásticos desenvolveram. Foi ela que forjou nos homens seu sentido de solidariedade como membros da raça humana, a despeito das tendências descentralizadoras do feudalismo. (CAIRNS, 2008, p. 218)

O presente trabalho não se esgota com o artigo aqui concluído. A percepção de uma lacuna bibliográfica sobre este tema, voltada ao público protestante, elaborado por um protestante é bastante pertinente no tempo presente em que vivemos. Um tempo onde as opiniões regidas pelas redes sociais, em que muitos opinam sem o menor embasamento teórico e a lei do menor esforço é a escolhida por muitos quando se estuda determinado assunto. Neste sentido, como sugestão percebida durante a pesquisa realizada neste trabalho, desejamos continuar este estudo para ampliar e auxiliar na discussão protestante do cristianismo medieval.

O estudo da história da Igreja é bastante complexo e esta discussão deve passar também pelas grades dos cursos de teologia, onde, de maneira geral, é destinada apenas uma cadeira para tratar de um assunto tão vasto e relevante para a formação do aluno. Percebemos algumas iniciativas de mudança deste quadro onde algumas instituições⁸ estão dividindo sua cátedra de História da Igreja em duas disciplinas abrangendo na primeira, os dez primeiros séculos de sua história e na segunda, o segundo milênio da Igreja cristã. Na opinião deste pesquisador, não basta ao fiel conhecer a história de sua denominação, pois ela está inserida em

⁸ Citamos a Faculdade São Braz, junto a qual trabalhamos na reestruturação da grade de Teologia atribuindo as duas disciplinas para a cátedra de História da Igreja Cristã no formato apresentado.



um contexto muito maior, fruto de dois milênios de mudanças, tentativas, acertos e erros que nos trouxeram até aqui. A igreja como principal vetor da ação de Deus na terra deve ser compreendida como tal. Nas palavras de Cairns (2008 p. 218), *Deus usou a Igreja Católica Romana para levar adiante seus propósitos, apesar de seus erros em tantos pontos quando comparada à verdadeira Igreja descrita no Novo Testamento.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, JD. **Teoria da História: princípios e conceitos fundamentais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média.** Lisboa: Edições 70, 1983.
- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos séculos: Uma História da Igreja Cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2008.
- FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GONZALES, Justo L. **Uma História do Pensamento Cristão.** 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa.** Petrópolis: Vozes, 2007
- MEDEIROS, Eduardo Luiz, **História da Igreja no Brasil.** Indaial: Asselvi, 2008
- _____, **História da Igreja.** SGEC: São Paulo, 2012.
- MOMMSEN, Theodore E. **Petrarch's conception of the "Dark Ages"**. In. *Speculum Magazine*. Vol. 17, N°2 Abril de 1942. The University of Chicago Press. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/2856364?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em 16 de agosto de 2017.



PANOFSKY, E. **Arquitetura gótica e escolástica: sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média.** Trad. Wolfe Höernke. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ROSA, José. (Trad.) **Proslogion seu Alloquium de Dei existentia.** St. Anselm's, Universidade de Lisboa, 2008

